

## COMPREENDENDO A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA: ALGUNS DOS DESAFIOS DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA

### UNDESTANDING THE DISCIPLINE IMPORTANCE: SOME OF THE PORTUGUESE LANGUAGE TEACHER CHALLENGES IN THE CLASSROOM

Brenda Catarina da Silva\*

Marcílio Francisco Silva dos Santos\*\*

**RESUMO:** Este artigo tem a intenção de, a partir da experiência nas observações de estágio, obtida na disciplina de Estágio I, frisar a importância da disciplina de Português, tanto no âmbito profissional, como também no social dos discentes, visto que a turma do curso técnico observada tratava a disciplina com indiferença. Para isso, discutiremos noções como: concepção de língua, o que é possível aprender/aprimorar nas aulas de Português, o trabalho com os gêneros textuais próximos dos alunos (para despertar neles a noção da língua materna se fazer presente em todas as esferas sociais e discursivas) para uma maior eficácia nas aulas e questões que envolvem o letramento crítico. Assim, constatando a necessidade do professor trabalhar concepções sobre o que é a língua e o que são as aulas de Português, com a intenção de despertar nos alunos um olhar mais abrangente da disciplina. O artigo apoia-se nos textos de Faraco e Zilles (2017), Antunes (2009), Marcuschi (2010), Street e Street (2014), Geraldi (2015), Ilari e Basso (2006).

**PALAVRAS-CHAVE:** aula de Português; importância; letramento crítico; gêneros textuais

**ABSTRACT:** This article intends, from the experience in the internship observations, obtained in the Internship I discipline, to emphasize the importance of the Portuguese discipline, both in the professional and social context of the students, since the technical course class observed treated the discipline with indifference. For this, we will discuss notions such as: conception of language, what is possible to learn / improve in Portuguese classes, work with textual genres close to students (to awaken in them the notion of the mother tongue to be present in all social spheres and discursive) for greater effectiveness in classes and issues involving critical literacy. Thus, realizing the need for the teacher to work on concepts about what the language is and what Portuguese classes are, with the intention of awakening in students a more comprehensive view of the discipline. The article is based on the texts of Faraco and Zilles (2017), Antunes (2009), Marcuschi (2010), Street and Street (2014), Geraldi (2015), Ilari and Basso (2006).

\* Graduanda do curso de Letras - Português - CAC – UFPE.

\*\* Graduando do curso de Letras - Português - CAC – UFPE, marciliofsilva13@gmail.com.

**KEY-WORDS:** portugues class; importance; critical literacy; textual genres.

## 1 Introdução

Tendo ciência de que a vida profissional de um professor de Língua Portuguesa é, em uma porcentagem dela, revestida por desafios - nos referindo aqui aos que surgem em sala de aula -, seria possível vários deles serem listados, como por exemplo: as exigências de seu papel (sendo questionado por pais, alunos, diretores/ coordenadores, sociedade, etc.), o que trabalhar com determinada turma, como avaliar as diversas competências, como fazer os alunos - numa era tecnicista - valorizarem tal disciplina, e etc. Neste artigo, abordaremos um dos desafios e problemáticas do professor de Português: levar os alunos a compreenderem a importância da disciplina, tanto no âmbito profissional como no âmbito social.

Há aqueles discentes que questionam o porquê estudar o Português na escola, já que são falantes da língua materna; e outros que afirmam ser necessário para aprender melhor a língua (como ler, escrever e falar com excelência a norma padrão) uma vez que tudo isso é muitas vezes pregado nas escolas, e conseqüentemente na sociedade, que o saber a língua é dominá-la dessa maneira, afastando os falantes das realidades múltiplas que a língua os inserem. Porém, como discutem Ilari e Basso (2006), esse estudo sistematizado da língua - apenas o ensino da gramática formal, sem contextualização, se torna míope e ineficaz (p. 231); no entanto, não se deve esquecer que é importante que os educandos tenham o domínio do português culto, mas que isso não é tudo, uma vez que a língua tem uma grande diversidade e é repleta de elementos não apenas linguísticos que levam ao aluno compreender e atingir de forma plena um nível de comunicação.

Por isso, vinculando nossas experiências em Estágio I<sup>1</sup> e as discussões na cadeira de MELP II (Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa), procuramos

---

<sup>1</sup> A disciplina Estágio I é a primeira cadeira obrigatória de estágio a ser cumprida pelo graduando do curso de letras licenciatura em português pela UFPE. A mesma consiste em observar o funcionamento da instituição educacional (seja na parte administrativa, como nas interações entre os sujeitos em sala de aula alunos/professores, alunos/alunos e alunos/funcionários) e assim, ter uma vivência do ambiente escolar.

refletir como o professor de Português poderia lidar com uma turma, como a observada por nós no estágio. Uma turma que estuda em uma instituição que visa uma profissionalização técnica, e que por imposição da instituição educacional (no que diz respeito a grade curricular da turma, não possibilita uma presença maior da disciplina português e outras disciplinas da área de humanas) não vê (quase) nada “prático” da matéria em suas vidas, a não ser a forma engessada de ensino de língua. Sabemos que a instituição escolar é uma organização oficial social de ensino, que “define conteúdos, atribui funções, organiza, separa, hierarquiza o espaço” [...] onde os seus conteúdos são abordados de acordo com o projeto político pedagógico da escola, ancorado no currículo municipal e/ou estadual, com base nos currículos nacionais da educação brasileira, como a BNCC ou LDB (DAYRELL, 1996).

E ancorados na LDB (Lei 9394/1996, art.35), entendemos que o Ensino Médio tem como finalidades: “I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental [...], II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando [...], III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética [...]. Apenas, nesses três itens da LDB podemos embasar a princípio o nosso entendimento de ensino que deveria ser ministrado nas salas de aula, mesmo no caso de uma educação técnica (caso dos alunos analisados).

Sendo assim, conseguimos identificar alguns pontos e posicionamentos dos estudantes da sala observada no estágio que levantaram os nossos questionamentos e despertaram a nossa vontade de investigar mais a fundo. Para eles de acordo com as observações *a priori*, o “útil” nas aulas de língua portuguesa, seria o aprender a ler, escrever e falar bem para o ramo que se preparam (já que teriam que trabalhar diretamente com o público/cliente). Sendo assim, nos propomos questionar, e possivelmente identificar, o que poderia ter levado esses discentes a tal concepção. Partindo da ideia de que o ensino “[...] é sempre o ensino de uma visão do objeto e de uma relação com ele [...]” (MARCUSCHI, 2008), o professor constrói no aluno o seu ponto de vista sobre o objeto que ensina, no caso a língua, e é a partir disso que o educando irá construir sua visão sobre ela e qual a relação que a mesma tem consigo mesma e com as práticas do mundo.

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

Dessa maneira, quando na escola a língua é objetificada, os alunos acabam tendo uma visão de língua apenas como sistemática, que não funciona para outras questões que implicam em seu desenvolvimento não só profissional, mas pessoal também. Isto, acaba deixando de lado fatores que envolvem a formação do ser social, uma vez que para compreender tudo o que envolvem o papel do ser na sociedade, respeitando diferenças e o espaço do outro, por exemplo, não dependem apenas dos conhecimentos da norma padrão, mas também dos conhecimentos que levam a esta linguagem, abrangendo a língua em suas diferentes posições, assim como Geraldi (2015) apresenta.

Como os gêneros textuais, assim como o letramento são “entidades sociodiscursivas e formas de ação social” (MARCUSCHI, 2002), podem aqui corroborar tanto para alcançar essa leitura da língua em diferentes posições e proporcionar um posicionamento mais crítico diante de situações cotidianas, como ainda promover eficácia nas interações sociodiscursivas. Sem esquecer que são, os gêneros textuais, facilitadores do envolvimento do aluno na disciplina, pois, há gêneros que são mais próximos dos alunos, seja por causa das práticas cotidianas preferenciais, seja por estarem presentes no âmbito profissional do ramo deles. E esse ensino é advogado por Reinaldo e Bezerra (2012), que afirmam que é papel do professor proporcionar aos alunos o contato com várias amostras de gênero, para que absorvam seu contexto e sua situação, estabelecendo conexões entre padrões textuais, participantes e situações. Com esse procedimento, o educador leva seus alunos a perceberem como os gêneros textuais agem na vida deles e como conseqüentemente eles agem com os gêneros.

Posto essa reflexão mediante ao que envolve o ensino da língua, acreditamos toda essa discussão ser válida para tratar a importância da disciplina Português com esses alunos da turma observada, pelo fato de termos previamente identificado em alguns episódios o comportamento deles em relação às atividades propostas na disciplina e que aprende-la em sua totalidade e relevância não seria o foco principal para eles.

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

## **2 Teóricos fundamentais para a análise e suas discussões**

Sendo a compreensão da disciplina de Português voltada para um ensino de regras, que ensina ao aluno um sistema acabado, essa concepção de língua, para aqueles que não veem uma função prática nisso em determinados âmbitos profissionais, é tida como a noção de domínio desse sistema presente no ideal da norma padrão. Porém, é possível afirmar que tal ideal é utópico, uma vez que traz a língua como um conjunto de regras padronizadas unificadas, entretanto a língua não funciona dessa maneira, pelo fato dos usuários dela serem dinâmicos e que vivenciam diferentes situações comunicativas, as quais exigem também diferentes maneiras de agir em determinada situação discursiva (FARACO, 2017). Ou seja, se o docente não propor uma estimulação nos alunos, não demonstrando que a língua é dinâmica, pode leva-los ao desinteresse para com a disciplina, que, nesse viés, leva a uma concepção de aula de português mecanizada, sem discussões pertinentes e sem envolver práticas corriqueiras que podem ser aprimoradas a partir dessas aulas.

Visando isso, é importante discutir o que se ensina nas aulas de língua portuguesa e se o que é estudado irá proporcionar o interesse do estudante para o assunto abordado. E já destrinchando um pouco sobre essa questão, podemos elencar fatores a serem ensinados: como a história da língua, uma visão integrada dela; sem deixar de refletir sobre a estrutura da mesma e que o aluno, como usuário, faz parte dessa construção, assim como discute Geraldi (2015); sem esquecer da literatura que tange importantes questões críticas como um espaço para formação de sujeitos. Isto posto, pode-se aludir ao que Street e Street (2014) discorrem sobre o letramento crítico, em que o sujeito, a partir da linguagem e conhecimentos adquiridos nas práticas e interações sociais, faz uma leitura dos fatos em busca das diversas significações que podem carregar relações de poder e ideologia, assim tendo o sujeito um trabalho mais ativo/participativo.

Reforçando esses elementos para o ensino mais eficaz da língua, é possível o trabalho com os gêneros textuais. Pois, o ensino pautado por meio de gêneros textuais além de favorecer o domínio da leitura e da escrita de gêneros diversos, não só visando sua apropriação, mas também para a ampliação do letramento dos alunos,

### **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

de modo a dar aos estudantes condições de solucionar problemas, de se posicionar e propor novas alternativas diante de situações que envolvam atividades de linguagem (REINALDO e BEZERRA, 2012, p. 86). Os gêneros textuais estão imersos nas práticas sociais dos alunos, que não devem só permanecer na superfície linguística dos textos, indo além; e isso, atrela-se a um conhecimento que circula nessas práticas, sendo importante de ser compartilhado/trabalhado com os alunos (ANTUNES, 2009). Trabalhar os gêneros não implica apenas na produção escrita de assuntos diversos (como as redações, por exemplo), mas também os elementos que compõem um manual de montagem, por exemplo, composto por linguagem verbal e não-verbal e outras unidades importantes para a produção e compreensão do mesmo.

Compreendendo que as temáticas que envolvem o ensino da língua não parte apenas de um tratamento de sua estrutura e seu funcionamento, mas também do conteúdo a ser discutido e analisado. É importante também compreender que o contexto faz parte das interlocuções nos discursos presentes, plenamente, nos gêneros textuais, que são compostos de fatos sociais ocorridos na sociedade. Um ensino da língua sistematizado, visando apenas ensinar a norma culta, sem contexto linguístico, propaga no ambiente escolar que saber usar na fala e na escrita essa norma, é produzir a língua corretamente, visando apenas o uso correto da gramática formal (ILARI e BASSO, 2006), distanciando, ainda, a importância de haver um exercício que instigue a criticidade diante das leituras e outras produções que envolvem a língua e seus componentes ideológicos.

Partindo disso, há a concepção de que na escola, geralmente é trabalhado apenas uma prática que envolve a língua, sem a valorização de outras práticas e outros meios comunicativos, levando assim a um modelo autônomo da linguagem. Tal modelo propaga ainda sujeitos passivos diante da língua, como se a mesma fosse independente e neutra deixando-os ainda numa posição assimétrica diante do texto (STREET e STREET, 2014).

### **3 A discussão e os métodos**

Seja pelo fato de a disciplina ter um grande volume de regras, variáveis e exceções, seja pela metodologia que a matéria é lecionada, o que pode dificultar o

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

seu entendimento e aplicação, ministrar aulas de Língua Portuguesa é sempre um desafio para os docentes. Dessarte tudo o que já foi neste presente trabalho discutido, trazemos um pouco à tona a percepção dos desafios que o professor de Língua Portuguesa enfrenta e irá enfrentar ao longo de sua jornada profissional (não só o professor de português, mas todos os educadores no contexto atual de ensino, onde são questionados pelos seu métodos por terceiros e tendo que muitas vezes procurar maneiras didáticas para inserir os alunos no assuntos trabalhados através de contextos do cotidiano).

Os desafios, além dos que são motivados pela visão da sociedade que impõe o que um professor de português deve ministrar em aula, também surgem os problemas que enfrentam-se dentro da própria instituição escolar: como manter um educando em sala, o estimulando e criando o interesse nos assuntos debatidos; mesmo quando o ambiente educacional não for tão adequado, mas mesmo assim, conseguir motiva-los a estarem dentro de uma sala de aula por longas horas, possibilitando o interesse pela linguagem e vendo importância da mesma para a realização e sua construção pessoal e profissional. Assim, perceber que o ensino de língua materna vai mais além do que simplesmente aprender um código fechado e acabado; que a língua nos torna um sujeito autônomo com o poder de melhorar nossa convivência em sociedade, nos tornando um ser mais humanizado.

Fora ainda as cobranças que são advindas de pais e até outros educadores de disciplinas diferentes, por exemplo: quando um aluno não sabe interpretar uma questão de matemática; quando não escreve bem um texto para a aula de geografia ou ciência; ou não extrai o que existe de relevante em um texto de história; ou quando não sabe utilizar com precisão conceitos científicos, etc. Todos esses outros sujeitos se sentem no direito de cobrar uma postura do docente de língua materna, a partir desses “erros” encontrados, destinando-se apenas ao professor de língua portuguesa, que o mesmo não estaria fazendo o papel de educador de linguagem de maneira “correta” (GERALDI, 2015, p. 33). Sabemos que o educador de língua portuguesa tem sua relevância e seu protagonismo no que diz respeito à leitura/escrita. Ele teria a função de intermediar as modalidades da língua com os sujeitos que fazem uso dela em suas práticas sociais, permitindo que eles tenham uma autonomia dentro da

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

dinamicidade da sociedade, que requer desses usuários um papel ativo nas relações sociais. Porém, educadores de outras disciplinas podem e devem agir em conjunto com o professor de língua portuguesa, pois numa relação interdisciplinar, o ensino e aprendizagem ocorrem de uma maneira mais palpável e nítida para os estudantes.

O professor de português se apenas atentar para essas questões gramaticais da língua<sup>1</sup> por causa de cobranças da sociedade, onde a prática da escrita - e, não deixando de lado a leitura e oralidade - ainda é vista como sendo muito tradicional, padrão, fechada em si mesma, estaria se afastando da concepção de estudo da linguagem pôr interação. É necessário compreender que toda e qualquer metodologia de ensino escolhida pelos docentes são sempre perpassadas por escolhas políticas, envolvendo questões de compreensão e interpretação da realidade, assim como Geraldi (1997) comenta, elucidando assim, que os conteúdos ensinados, o enfoque dado, as estratégias de trabalho, o sistema de avaliação, etc.; serão pautadas na concepção desse professor sobre a língua(gem). Consideramos assim, a concepção da linguagem como interação, uma proposta educacional mais promissora a ser trabalhada em sala de aula, por situa-la como o lugar de constituição de relações sociais, com os falantes se tornando sujeitos.

Essa escrita tradicional já pontuada a cima, cobrada bastante pela sociedade, seguiria a chamada norma-padrão como o único modelo de língua a ser seguido e ensinado nas aulas de língua materna nas escolas, em vez de considerá-la como sendo uma das várias variedades linguísticas que temos em nosso país, possibilitando aos alunos um entendimento mais amplo da questão cultural e das diferenças que existem em sociedades, inclusive da língua, possibilitando dessa maneira uma escolarização mais humanizada e compreendendo a escola como espaço sociocultural (DAYRELL, 1996 ). Mas, como é postulado por Geraldi (2015), participar das instâncias públicas que utilizam a linguagem - a escola sendo uma dessas instâncias - é construir o cidadão (p. 37); não frisando que aprender a língua na norma-padrão seja um erro, e/ou que só com ela o sujeito teria acesso a cidadania, porém,

---

<sup>1</sup> Não estamos aqui querendo desconsiderar a importância e relevância dos estudos gramaticais, conforme Marcuschi (2008) a gramática tem uma função sociocognitiva relevante, desde que entendida como uma ferramenta que permite uma melhor atuação comunicativa. O problema defendido pelo autor e por nós, é fazer de uma metalinguagem técnica e de uma análise formal o centro do trabalho com a língua (MARCUSCHI, 2008, p.57).

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

torna-se necessário compreender que devemos construir a linguagem da cidadania, não pelo esquecimento da “cultura elaborada”, mas pela reelaboração de uma cultura (inclusive a linguística) resultante do confronto dialógico entre diferentes posições (GERALDI, 2015, p.37)

Partindo desse entendimento, e por percebemos que a variação, a plasticidade das línguas e das variedades de uma língua são características linguísticas altamente produtivas, enxergamos naturalmente que o ensino da língua portuguesa pelo viés variacionista é bastante necessário e primordial, assim como os autores conceituam que

A variação linguística precisa, então, estar sempre presente no ensino de língua. E isso porque é intrínseca a toda e qualquer língua, porque se distribui por todos os níveis linguísticos, porque contribui para a constituição e significação das interlocuções de que participamos, porque é ativamente utilizada na construção de efeitos e sentido em nossos textos orais e escritos, porque constituem nossas identidades e caracteriza as ações que realizamos nas interações sociais. (FARACO; ZILLES, p.175)

Sendo assim, o ensino de língua, não pode ser exclusivamente o ensino da norma-padrão (norma prescritiva), nem mesmo só o ensino da norma culta (norma normal prestigiada na sociedade), pois elas não existem no vácuo e nem podem ser de fato aprendidas fora de seu contexto sócio-histórico (FARACO; ZILLES, p.175). E essa é uma excelente maneira do professor de português adentrar no meio social dos alunos e instigar neles o desejo de aprender a linguagem, a vendo com outros olhos, não apenas com um olhar padronizado da língua em que está estaria externa ao ser, mas sim como algo que faz parte de si, que está presente em sua vida, em suas práticas sociais. Nessa perspectiva, fica nítido que não apenas a norma culta deve ser alvo de análises, mas também as regularidades de outras variantes; embora como trazido nos Parâmetros Curriculares (2012) “contrariem” o padrão da língua, essas variantes já se consolidaram pelo uso, inclusive no uso formal. E a escola não pode ser omissa a esse fato, deve trabalhar com esse fenômeno das variantes para criar o interesse e aproximar mais os alunos ao ensino da língua materna. Mas, não deixando de lado a apropriação da modalidade culta, que é compreendida como condição para o exercício de uma cidadania ativa. (PARÂMETROS CURRICULARES, 2012, p. 21)

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

Como já mencionado, realizamos este presente trabalho após a vivência no estágio curricular obrigatório, sendo exercido no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), *Campus Recife*, onde observamos o cotidiano escolar da turma do PROEJA 4, e nas aulas de Língua Portuguesa percebemos que os alunos não davam a devida importância a disciplina. Em uma certa aula da mesma disciplina, um aluno nos questionou o porquê de aprender o Português, já que o mesmo é falante da língua, sabendo utilizá-la nas comunicações do dia a dia, e tendo um domínio dela na parte da escrita. Ao seu ver não precisaria mais aprender algo que possui um certo entendimento da língua escrita/falada e que deveria se “focar mais na parte das disciplinas de exatas e técnicas, pois as mesmas serão úteis para o seu processo de formação profissional e estarão presente nas suas relações profissionais pós curso”. E além desse fato, constatamos que nas aulas mais voltadas a disciplinas de exatas a turma se mostrava mais engajada e participativa, isso foi aos poucos sendo entendido como uma noção que, geralmente, estudantes de cursos técnicos - refrigeração e climatização, o caso da turma observada-, e até mesmo os próprios professores criam uma concepção referente as aulas de linguagens - áreas de humanas-, em que as práticas matemáticas/técnicas são bem mais exigidas e/ou valorizadas.

E essa visão não é apenas dos alunos de cursos técnicos, essa ideia na verdade é compartilhada por uma boa parcela da sociedade, que acredita no aprender a língua é saber escrever e falar corretamente. Sabendo disso o indivíduo é visto pela sociedade como um sujeito que usa a língua portuguesa de forma correta. E um ensino seguindo esses parâmetros, apresentaria a língua materna como algo pesado, ineficaz e que se voltaria apenas ao ensino de gramática. De acordo com Ilari e Basso (2006), o ensino gramatical, seria na prática a única solução que as escolas têm dado a necessidade de ensinar a norma culta, onde num contexto linguístico essa norma culta se afasta do uso corrente. E a escola tem um papel primordial nessa percepção, pois passa para sociedade no geral a ideia de que escrever bem é escrever correto de acordo, muitas vezes, com uma idealização linguística inalcançável e que não passa do mundo do ideal fora de contexto linguístico real, e a sociedade por sua vez irá cobrar da escola que ensine esse escrever correto (ILARI; BASSO, 2006, p.234).

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

E quem estaria no meio desse círculo de cobranças? O professor de português. Os mesmos autores ainda postulam que o professor aparece como a instância que detém o conhecimento das formas corretas, ideais, e isso o investe de autoridade do ponto de vista social, ao mesmo tempo que, do ponto de vista pessoal (ILARI; BASSO, 2006). Esse seria um dos motivos do professor de português ser considerado como um “corretor ambulante”, quando pessoas têm receios de falar abertamente conosco pelo fato de pensarem que estaremos a todo momento o corrigindo, ou nos procura para tirar dúvidas sobre a grafia de certas palavras, ou dos seus significados, etc. E no que diz respeito ao ponto de vista profissional, somos cobrados em relação: se os alunos estão ou não estão recebendo aulas de gramática, se o aluno é ou não repreendido em sua escrita “incorreta”, se sua caligrafia é ruim, dentre outros aspectos. Dessa maneira, a noção estimulada e imagética do papel primordial do docente de língua portuguesa para a sociedade, consiste em que o professor de português é o responsável apenas em tomar a iniciativa que o compete de sanar essas deformidades da língua que os alunos possam por ventura ter.

Compreendemos, através dos ensinamentos trazidos por Ilari e Basso (2006) que o professor de língua portuguesa, é um ser que optou por conhecer sua própria língua tanto na teoria como na prática, e que tem o interesse de compartilhar essa aprendizagem com outros indivíduos em formação. Além disso, o professor de língua materna, deve ser um humanista, preocupado com a formação total do ser humano, e acreditar que o processo de ensino e aprendizagem passa pela construção do conhecimento, e pela interação aluno-meio-professor. Para o professor de português também incide trabalhar com a linguagem, os códigos e suas tecnologias, com a comunicação, e da expressão oral e escrita.

Nós como educadores também precisamos pensar as relações entre a escola e o mundo, conforme Santos (1997) a legislação no campo educacional nas últimas décadas vem definindo como finalidade da educação básica (incluindo o ensino técnico, principalmente), a preparação do jovem/adulto para o mercado de trabalho. Dessa forma, o educador precisaria implementar no currículo um projeto educacional em que a ciência e trabalho estejam conjugados como elementos indispensáveis a formação humana, não havendo prestígio de uma área sobre a outra.

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

Tendo tudo isso posto, fica nítido as responsabilidades e demandas do educador de língua portuguesa. Responsabilidades essas que surgem desde o momento de sua formação, que além de tudo deve ser uma formação continuada (como dos outros educadores também precisa ser), pois os estudos de um professor de português não se finalizam após a graduação. Pois, uma formação docente, pensada apenas desenvolvimento de competências, substituindo a formação voltada para a aquisição de uma visão mais ampla e crítica da educação, desenvolve um tipo de profissionalismo restrito e estreito (Santos, 1997, p. 31). Entretanto, o professor com uma sólida formação teórica e com investimentos em programas de educação contínua, tem melhores condições de fazer escolhas, analisar e criticar projetos educacionais que visem um ensino de língua materna (no caso do docente de língua portuguesa) voltado a questões mais engessadas da língua, como regras, textos sem contextos, etc.

Segundo afirmam ainda Ilari e Basso (2006), o professor precisa conhecer a teoria: aprendendo-se os vários níveis da língua - fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, textos, diferentes gêneros – mas, também deve aprender e saber de sua história e de sua diversidade. E como bem frisa os autores, esses ensinamentos aprendidos na academia não podem ser apagados da mente de um educador no momento que o mesmo adentra a primeira vez em uma sala de aula, pelo contrário esse profissional além desse posicionamento

deveria ser, por definição, alguém que redige de maneira satisfatória (isto é, com bom controle sobre a correção, a coesão textual, a coerência, e sobre as qualidades do texto que possam ser contextualmente relevantes - concisão, clareza, expressividade...); alguém que interpreta, buscando no texto as informações que importam; alguém que sabe esclarecer a língua dos textos (não apenas a sintaxe das sentenças, e não qualquer coisa na língua de um texto, de preferência as coisas que fazem diferença); alguém que sabe gostar de narrar, descrever e argumentar. (ILARI; BASSO, 2006, p. 235)

Percebe-se nessa explicitação as demandas que são atribuídas ao professor de português, são várias imposições que são lançadas em cima do mesmo, perante todos os lados: sociedade, escola, pais, alunos, outros educadores e o próprio professor que diante de tantas cobranças se questiona sobre o seu papel perante ao ensino. O que o mesmo deve privilegiar em suas aulas? Quais didáticas deve exercer?

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

Realizar uma pedagogização mais voltada ao conteúdo ou aos ensinamentos críticos? Trabalhar apenas questões gramaticais ou trazer para a sala de aula as práticas sociais? As vivências dos alunos por meio de diversos aportes textuais, como os inúmeros gêneros textuais, devem ser trabalhadas? São indagações realizadas pelo educador de língua materna feitas durante toda a sua vida profissional, do momento em que está na graduação (nos debates que são realizados em sala de aula na academia), e após a sua conclusão de curso, no seu dia a dia exercendo sua profissão, até o fim de sua carreira educacional.

Para os educadores de língua portuguesa no estado de Pernambuco, existe um aporte no qual o professor pode se apoiar para exercer sua didática escolar de maneira mais plena e ancorada em práticas defendidas por teóricos bastante conceituados. Trata-se dos *Parâmetros para a educação básica do estado de Pernambuco*, em que o professor poderá fazer uso dos diversos gêneros textuais que são exemplificados neste documento, e assim, poder trabalhar em suas aulas, gêneros textuais e tipos textuais que são mais apropriados a cada ano escolar. O intuito desse documento que reflete na proposta do ensino da língua portuguesa é justamente realizar a formação dos docentes, e que eles possam transpor esses ensinamentos aos estudantes para os mesmos usarem a linguagem com autonomia e competência, podendo viver melhor comunicativamente, aprimorando-se profissional, intelectual e pessoalmente, e atuando de forma ética e responsável na vida social (PARÂMETROS CURRICULARES, 2012, p. 13).

O viés então proposto pelo Currículo, e também entendido por nós como uma das soluções para um ensino de língua materna mais crítica, é trazer um currículo menos conteudista e mais centrado no desenvolvimento das capacidades de ler, escrever, ouvir e falar (PARÂMETROS CURRICULARES, 2012, p.14). As aulas devem ser mais voltadas às práticas sociais dos sujeitos, alunos e professores por exemplo, e não ficar presa ao conteúdo imposto pelos livros didáticos, por exemplo. E uma excelente maneira de se trabalhar as relações sociais em sala de aula é por meio dos gêneros textuais, pois são textos que também ocorrem em práticas sociais, possuem uma dinamicidade, fluidez, assim como postulado por Reinaldo e Bezerra (2012); sendo assim, o ensino por meio de gêneros é uma opção-metodológica

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

promissora, visto que favorece o conhecimento, produção e uso de gêneros próprios de cada área profissional, em seu contexto sócio-histórico, e possibilita a reflexão dos alunos sobre aspectos ideológicos e de poder dos grupos profissionais (REINALDO E BEZERRA, 2012, p. 86 e 87).

Dessa maneira o professor conseguiria didatizar suas aulas por meios diversos, não se restringindo apenas a uma forma textual a ser trabalhada. O docente abarcaria com os gêneros textuais métodos variados de ensino, conseguindo mostrar aos estudantes que a língua, seja na modalidade escrita/falada está presente em nosso cotidiano, através de inúmeros meios, possibilitando a eles o entendimento da importância que a língua materna portuguesa tem nas suas práticas sociais, seja no âmbito escolar, familiar, profissional, e social de maneira geral.

#### **4 Considerações finais**

Ao fim deste presente trabalho, conseguimos entender e reafirmar o que já tínhamos como tese sobre o papel que o professor de português tem perante o olhar da sociedade, e os desafios que listamos (que são, na verdade, uma parte mínima de todos os desafios que esse profissional enfrentará durante sua jornada educacional) são alguns dos mais frequentes no dia a dia do educador. Entendemos, que o ensinar vai muito além do que a forma tradicional pensada por muitos como a maneira certa a se exercer a função. O professor de português é um pesquisador da língua, e deve entendê-la como algo que precisa ser sempre estudada e valorizada em suas diversas facetas, seja pela modalidade oral ou escrita, seja pela sua norma-padrão ou culta, ou pelas diversas variedades linguísticas que existem - e que precisam ser reafirmadas como fazendo parte da língua sim - , e desse modo, demonstrar aos seus educandos que a língua é viva e heterogênea, que a mesma faz parte do ser e que está conosco em todas as nossas vivências.

O professor de língua portuguesa, como mediador no processo de ensino e aprendizagem da língua materna, deve instigar a curiosidade, despertar a vontade de saber no educando, e assim contribuir para sua autonomia, na compreensão e uso de uma linguagem útil e necessária. Demonstrando a eles através dos gêneros textuais variados que existem no meio social, a importância que a leitura e a escrita têm em

#### **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

cada ambiente onde existe práticas sociais - até mesmo na área dos alunos observados no estágio, que eram alunos do curso técnico de refrigeração e climatização -; e dessa forma, tornando-se sujeitos independentes, capazes de realizar satisfatoriamente através da leitura/escrita e oralidade suas relações pessoais e profissionais.

E por fim, ao professor fica nosso entendimento que esse educador precisa assumir o texto (gêneros textuais e tipos textuais) como objeto de ensino e crie diferentes abordagens de leitura, escrita, oralidade, análises linguísticas e produções textuais, fazendo da sua aula uma prática constante de comunicação. Nessa ótica, defendemos a prática de ensino da língua como um exercício permanente de desconstrução e construção de textos, permitindo ao aluno a interagir de maneira mais plena com as situações cotidianas que demandam deles um conhecimento firme nas práticas linguísticas. Acreditamos que a escola pode e deve ser um espaço de formação ampla do aluno, que aprofunde o seu processo de humanização, aprimorando as dimensões e habilidades que fazem de cada um de nós seres humanos (seja no ambiente familiar, profissional, social, etc). O acesso ao conhecimento, às relações sociais, o acesso a diferentes gêneros, um ensino mais contextualizado podem e devem contribuir como suporte no desenvolvimento singular do aluno como sujeito social e humanizado.

## Referências

ANTUNES, Irandé. **Textualidades e gêneros textuais: referência para o ensino de línguas**. Língua, Texto e ensino. Outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009, p. 88-103.

BASSO, Renato; ILARI, Rodolfo. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. Gêneros textuais como prática social e seu ensino. In: DIONÍSIO, Angela; MARCUSCHI, Beth; REINALDO, Maria Augusta (Orgs.). **Gêneros textuais: práticas de pesquisa e práticas de ensino**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. **A escola como espaço sócio-cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

## DIÁLOGO E INTERAÇÃO

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Normas, diversidade e ensino de língua.** Para conhecer norma linguística. São Paulo: Contexto, 2017, p. 174-207.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley (Org.) **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1997.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** Quando se ensina língua, o que se ensina? São Paulo: Parábola, 2008.

SANTOS, Lucíola Paixão. **Educação básica: currículo e formação de professores.** Presença pedagógica, vol. 3, n. 17, set/out 1997.

PERNAMBUCO. **Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco.** Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio. Recife: SEE, 2012.

STREET, B. **Letramentos sociais - Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Tradução Marcos Magno. São Paulo: Parábola, 2014.

Recebido em: 12/05/2020.

Aprovado em: 27/08/2020.